

## CASAMENTO E SEXUALIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

*Maria do Carmo Andrade e Silva<sup>1</sup>*

### MARRIAGE AND SEXUALITY IN POST-MODERN TIMES

**Resumo:** Os casais, assim com as pessoas e a sexualidade que os compõem, sofrem influências ideológicas do momento sócio-histórico, no qual estão inseridos. Porém, as pessoas independentemente da época e da cultura, enfrentam a questão da separação e, para tal, procuram através da união com o outro, transcender à solidão. Assim, procurou-se neste texto, enfatizar as questões da atração interpessoal e as principais alterações ocorridas nos últimos 50 anos, que de forma direta ou indireta incidiram sobre as relações de casal. Apontando-se para dois pilares ideológicos básicos: o conceito de sexo-reprodução, alterado para sexo-prazer através da contracepção; gerando maior liberdade sexual e, o trabalho fora, anteriormente obrigação ou privilégio masculino, que passou a existir também como realidade feminina. Tais processos atingiram fortemente a estrutura da família nuclear clássica e exigiram várias alterações de papel de gênero. Vivências, que pelas pressões de urgências resolutivas, especial características do mundo atual, têm gerado muitos outros comprometimentos para ambos do par, propiciando novos conflitos, muita ansiedade, relativismos, incertezas e fragilidade dos vínculos.

**Palavras-chave:** Casal; Atração; Sexo; Trabalho; Vínculos.

**Abstract:** Couples, as well as the individuals and the sexuality that constitute them, are exposed to ideological influences of the socio-historical moment. However, all individuals, regardless of time or culture, face the issue of separation and seek to bond with each other in an effort to transcend solitude. This paper has thus attempted to focus on the issues of interpersonal attraction

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestre em Psicologia e Livre Docente em Sexualidade Humana. Professora e Coordenadora do Programa de Mestrado em Sexologia da Universidade Gama Filho. Professora Colaboradora do Instituto de Ginecologia – Ambulatório de Sexologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro  
e-mail: [mariacarmoas@yahoo.com.br](mailto:mariacarmoas@yahoo.com.br)

and the main changes taken place over the past fifty years, which have exerted a direct or indirect on couple relationships. To that effect, two basic ideological cornerstones were highlighted: the first is the concept of sex-reproduction, changed into sex-for-pleasure made possible by contraception, generating greater freedom. Secondly, the concept of working outside the house, a former male responsibility or prerogative and now also a part of women's reality. Such processes have deeply shaken the structure of the classic family and demanded several gender-role alterations. Likewise, new patterns of interaction stemming from the urgent demands of modern life have brought about a host of different commitments for both individuals in the couple, promoting new conflicts, a substantial degree of anxiety, relativisms, uncertainties and frail bonds.

**Keywords:** Couple; Attraction; Sex; Work; Bonds.

O casal, independente da época, resulta da união de duas pessoas – duas realidades biopsicossociais distintas. Estrutura onde a expressão sexual distanciou-se muito de um determinismo estritamente biológico, entrelaçando-se a fatores mais amplos e com limites cada vez menos distintos. A atividade sexual, já não se limita ao ato em que se unem diferentes para a reprodução, existindo muito mais pelo desejo de busca das próprias sensações vivenciadas no ato de encontro com o outro. Contém representações pessoais mais extensas, que a simples penetração de um pênis em uma vagina, pois as características interpessoais próprias a cada interação, são os fatores que darão o colorido personalizante, que diferencia as sensações de prazer de cada pessoa envolvida em um encontro sexual específico (ANDRADE-SILVA.M.C., 2003)

O casal, assim como as pessoas e a sexualidade, que o define, sofre influências ideológicas do momento sócio-histórico, no qual estão inseridos. Interferências na constituição dos significados dos vínculos de casamento e da sexualidade. Porém, cada um do par possui sentimentos, realizações e fantasias distintas no que se refere a si mesmos, ao outro e a relação. Caracterizando-se, em um processo de interferências mútuas e dinâmicas, onde a relação interpessoal será básica, para que o encontro sexual exista.

As pessoas independentemente da época e da cultura, enfrentam a questão da superação da separação, da realização de união através da tentativa de transcender à solidão e encontrar harmonia com o outro, como refere FROMM, E. (1957 trado.1974). A eterna procura por sua “cara metade” complementar,

já referida desde o século III a.C. no Banquete, PLATÃO (trado. 1964) e que permanece como objeto de estudo de várias correntes teóricas.

Evolucionistas como MORRIS, D. (1974) ou BUSS, D.M. (2000), baseiam-se nos aspectos etológicos e neurobiológicos para a manutenção das espécies. Outros como FREUD, S. (1914- trado.1985), GOLDSTEIN, J.H. (1983), FROMM, E. (op.cit), com enfoques psicológicos, baseiam-se em aspectos intrapsíquicos, interpessoais ou sociais. Porém, como afirma VALENTIN, A.R. (1993), apesar de não haver completa correspondência entre as diversas teorias sobre Atração Interpessoal, pode-se subdividi-las segundo os componentes atitudinais que privilegiam e a maior ou menos importância que atribuem aos afetos.

O impulso sexual, através da comunicação verbal e não-verbal, das capacidades intelectivas, das representações simbólicas e sociais, recebe uma alteração qualitativa que transforma o coito em relação, passando o processo sexual a poder ser ensinado, regulamentado, reprimido ou supervalorizado. Processos que possibilitam, às pessoas a fazerem sexo por diversas motivações como: minimização de carências afetivas, obrigação, reprodução, carinho, prazer, consumo, valorização pessoal, descarga de tensão, encontro afetivo-sexual, exercício de poder, submissão etc. Também as formas ou frequência com que essas interações ocorrem, variam de pessoa para pessoa e nos diferentes momentos de vida de cada um, não se admitindo hoje, limites ou normatizações generalizantes, quanto as formas ou frequência de prazer sexual, desde que respeitados sejam, os direitos dos outros (ANDRADE- SILVA.M.C., 2003).

O desejo e o erotismo, por suas próprias naturezas, são processos muito complexos e dessa riqueza surgem: atrações, paixões, necessidades de unir-se e amar. O desejo sexual, não é algo palpável, não é tão arrumadinho como muitas vezes gostar-se-ia que fosse, pois sendo uma pulsão de vida e de satisfação de necessidades intrínsecas à estrutura de personalidade de cada desejante, pode ser ativado pela forma como o outro é imaginado e fantasiado, por quem deseja. Sendo assim, nem sempre, representa conexão lógica com a realidade do que é o outro.

A atração sexual, às vezes é produto de *semelhanças*. As pessoas se atraem, admiram e desejam pessoas, que acreditam semelhantes a si próprias, especialmente, no que se refere aos valores, classe social, beleza e capacidade intelectual. Em outros momentos, a atração e o desejo pelo outro, manifestam-se por *complementaridade*. Deseja-se no outro, aquilo que não se tem. Deseja-se a ele, porque possui tal ou qual qualidade, que se admira e fantasia-se que através

desta união possa-se passar a tê-la. Às vezes, a atração acontece por trocas, onde cada um deseja para si, alguma qualidade importante no outro como: um deseja o poder que o outro demonstra, enquanto aquele deseja a beleza, que o outro possui. Nestes casos, estrutura-se uma relação de atrações e desejos mútuos, por potenciais *trocas e complementaridades*.

Em algumas estruturações de personalidade, o desejo pelo outro se encontra relacionado à *proteção*. Assim, uma figura com simbolismos parentais compensatórios das lacunas infantis será o objeto desejado e, tal impulso afetivo-sexual, encontrar-se-á satisfeito quando a figura de atração for percebida como: forte, protetora e amadurecida em termos de doação.

Em outras constituições psicológicas, pessoas essencialmente *dominadoras* precisam exercer seu poder e, este se encontrará potencialmente satisfeito, quando associado às relações afetivo-sexuais com pessoas percebidas como: frágeis, dependentes e submissas. Ainda outros, desejam justamente o que não conseguem ter, os objetos idealizados, que só existem em suas fantasias e, por isso mesmo se encontram em constantes buscas.

O momento de encontro, quando a atração ocorre, parece muito rápido. Aponta ter bases em impressões ligadas a uma série de mensagens verbais e, sobretudo não verbais, que certas pessoas emitem umas às outras em determinados momentos. Mensagens com conteúdos simbólicos, carregados de significados, que sinalizam promessas futuras de satisfação.

A paixão é repleta de idealismos e expectativas pouco realistas. Apaixona-se pela magia afetivo-sexual da fantasia do encontro. Porém, nestes momentos iniciais, pouco se conhece do outro e a convivência real, poderá trazer muitos desafios não percebidos ou mesmo impensáveis, ao início de uma relação. Assim, embora não se saiba ao certo os motivos que nos levam à paixão, sabe-se que esmorece com o passar do tempo, o que faz com que os relacionamentos sejam rompidos por insatisfação com a realidade ou se estabilizem em bases mais sólidas.

Rompem-se especialmente os relacionamentos, onde a distorção perceptiva inicial, foi muito intensa e fez com que o sonhado, tenha ficado muito distante da realidade do que é o outro. Mantêm-se relações menos distorcidas perceptivamente e, quando o desejo de continuidade transformou-se em “ações” reais, oriundas das necessidades de estar juntos. Pois “ações” encontram-se mais sob o domínio consciente da vontade, levando à dedicação e ao esforço pela manutenção da relação, com “Seres”, que agora além de apaixonados também são amados.

Quando a admiração, a reciprocidade e a intimidade, permanecem após a atração inicial, os relacionamentos têm chances de continuidade. Corroborando tal afirmativa, encontramos um grande número de pesquisadores do tema como: ÂNGELO, C. (1993), MASTERS, W., JOHNSON, V. e KOLODNY, R. (1970), JURBERG, P. e JURBERG, M.B. (1998), STERNBERG, R.J. (1988). Compondo a Teoria do Amor de STERNBERG, R. (op.cit.), encontram-se três componentes básicos: paixão, intimidade e decisão/compromisso. Processos, que podem variar em intensidade de pessoa para pessoa e, em diferentes momentos da vida de cada um dos envolvidos.

Os modelos das estruturas familiares e de casais variam com a história socio-cultural. Da família extensa à tradicional família nuclear que, já no século passado, conquistou o espaço doméstico privado e legitimado pelo casamento, sendo composta por: pai, mãe e filhos. Local onde o poder centrava-se na figura paterna (autoritária, do mundo, sexuada, forte e mantenedora), sobre sua mulher (materna, do lar, submissa, reprodutora, afetiva e pouco sexuada).

Porém, progressivamente, algumas alterações foram sendo processadas no mundo socioeconômico e, basicamente, dois pilares ideológicos comandaram o início destas transformações. Um deles, quando o conceito de sexo-reprodução, foi alterado para sexo-prazer através da contracepção mais segura, propiciando a vivência de uma maior liberdade sexual. Outro referente ao trabalho fora, anteriormente obrigação e/ou privilégio masculino, que passou a existir também como necessidade e realidade no universo feminino. Alterando-se assim a estrutura familiar, propiciando ganhos econômicos à mulher e possibilitando-lhe o desenvolvimento de outros sonhos e realizações, além da casa, marido e filhos. Tais processos atingiram em cheio a estrutura da família nuclear clássica e o mundo passou a exigir do homem e da mulher, uma série de alterações de papel sócio-sexual ou de gênero.

No mundo da família, local anteriormente privilegiado ou obrigatório para o feminino, também se observaram muitas alterações, pois com as mulheres trabalhando fora, gerou-se a necessidade de alguma participação doméstica masculina (fato nada comum à tradicional educação do homem) e causador de vários conflitos de casal. Pois como relata JABLOSKI, B. (1999), um conjunto de sentimentos, crenças, atitudes ou comportamentos tradicionalmente fixados em torno do poder, responsabilidade econômica e instrumentalidade, em detrimento da expressividade, não pode ser modificado tão facilmente. O lar, onde as crianças sempre tinham a companhia da mãe, hoje se alterou e os filhos ficaram mais sozinhos e, tais responsabilidades, foram divididas com outros atores sociais como: a escola, creche, babá, T.V. e internet.

Os ganhos da mulher com o trabalho fora propiciaram: maior autonomia, independência, conhecimentos e objetividade (características pouco comuns à educação feminina) e que geraram uma série de complicações como: cobranças de desempenho profissional e familiar, conflitos pessoais e diádicos diante da maternidade, necessidade de desenvolvimento de competências para o mundo do trabalho. Além do discernimento equilibrado, entre características exigidas e próprias ao mundo profissional e, problemáticas para a relação a dois.

Quanto ao homem, os ganhos familiares com o trabalho feminino remunerado, propiciaram: que não mais precise carregar o peso, de ser o único responsável pela manutenção familiar, poder se relacionar mais de perto com os filhos, principalmente nos aspectos afetivos do cotidiano, poder ser mais sensível e até mesmo inseguro em alguns momentos. Pois pode contar com uma companheira, também capaz em outras áreas além da esfera doméstica. Porém, como sempre, ganhos remetem à contrapartida de perdas e dentre estas estão: ameaças quanto aos ganhos econômicos dela, angústia quanto a possível superação profissional, ameaças quanto ao desenvolvimento, independência e autoconfiança de sua mulher.

As transformações no mundo sexual, também foram muitas e atingiram homens e mulheres. Sexo não mais tinha como vertente ideológica básica a reprodução. Sexo vinculou-se ao prazer e não só para homens, mas também para mulheres, promovendo para elas ganhos e perdas. Dentre o que se pode denominar como ganhos: sexo não mais determinava o “castigo” da gravidez, maior liberdade sexual, planejamento familiar, possibilidade relacional com mais de um parceiro na vida, disponibilidade de expressão de desejo e necessidades próprias do feminino para o prazer. Porém, como sempre, ganhos trazem a contrapartida de novas complicações e dentre estas citamos: limitações de filhos não por desejo, mas por necessidade, exigência do grupo social quanto à “obrigação” do uso da liberdade sexual conquistada, obrigações quanto a manifestação de desejo e performance, além da obtenção de múltiplos e variados tipos de orgasmos.

No que se refere aos homens, a liberdade sexual feminina, também trouxe ganhos como: não mais ter que ser o “professor sexual” dela e, poder desfrutar de relações mais eróticas com sua própria mulher. Porém, tais alterações, também geraram complicações como: ansiedade quanto às exigências sexuais delas, medo de comparações quanto ao seu desempenho sexual e/ou tamanho do pênis.

A expressão de erotismo e desejo, de sensualidade, a obtenção de orgasmos, assim como o controle ejaculatório, a qualidade e frequência das ereções e

das relações sexuais, passaram progressivamente de possibilidades a necessidades e, posteriormente, tornaram-se obrigações cobradas incisivamente pelo mundo atual, gerando ansiedades de desempenho, disfunções sexuais e conflitos conjugais, como pontua, ANDRADE-SILVA.M.C. (2003).

As bases tradicionais do casamento, que estiveram fundamentadas na ideologia: homem – (trabalho e sexo) e mulher – (lar e afeto), hoje são outras. Atualmente, tanto o homem como a mulher se voltam para o trabalho, sexo e vida do lar. Porém, os encargos domésticos, ainda na maioria das vezes, encontram-se mais vinculados às mulheres, como assinalam DINIZ, G.R.S. (1999), PAPP, P. (1993), JABLONSKI, B. (1998).

Todas estas alterações têm gerado muitas crises, pois crenças, atitudes e valores, não são condições facilmente alteráveis, são padrões internalizados desde o início do processo de desenvolvimento psicológico e que, quanto mais enraizados, mais difíceis de serem modificados. Tornam-se potenciais processos de conflito entre *o que consigo ser*, pela forma *como fui educado* e as exigências feitas pelo mundo atual, quando determina e cobra, *como devo ser*, para que possa ser aceito e valorizado. Conflitos entre a educação recebida e as exigências atuais, que geram ambivalências e ansiedades com os novos papéis de gênero, promovendo: lutas pelo poder, discórdias conjugais, diminuição de auto estima, ansiedades, disfunções sexuais, infidelidade, diminuição de desejo e separação (ANDRADE-SILVA, M.C., op.cit.).

As relações entre casamentos e sexualidade, são altamente sensíveis ao passado de cada um e estas, não se alteram por decreto. Assim, mesmo a mulher atual que já possui independência derivada do trabalho remunerado e maior liberdade sexual, ainda se sente muito arraigada às antigas escolhas: (sensualidade, casamento e maternidade), amarras geradoras de uma série de novos conflitos, diante das exigências atuais. Pois, sua independência e autonomia sem dúvida são importantes, porém as relações com seu parceiro, casa e filhos, têm o mesmo grau de significado ou até mais. Quanto ao homem que hoje, já não precisa ser o único provedor e professor sexual, também a situação não é muito diferente e, não tem conseguido estar tranquilo com essas novidades, por mais que lhe pesem menos. Pois, muito de sua estrutura de personalidade, foi constituída em bases bastante tradicionais, fazendo com que em alguns casos, ainda precise de uma companheira menos igualitária econômica e sexualmente, para que possa sentir-se mais seguro, como o único forte e detentor do poder na relação a dois.

A maioria das pessoas aprende, a controlar ou inibir seus desejos sexuais em situações em que percebam contingências negativas e a permitir sua

emergência, em contextos percebidos como seguros. Porém, segurança ou risco, são processos simbólicos profundamente influenciados pelas emoções conscientes ou inconscientes. Assim, apesar de homens e mulheres atuais, mencionarem racionalmente adequação aos novos conceitos e padrões de gênero, muitas vezes suas escolhas, enquanto casais, permanecem permeadas por códigos de antigos padrões, pois muito das alterações apesar de desejadas, ainda não foram assimiladas emocionalmente, produzindo incertezas e gerando inseguranças difíceis de conviver.

Os casamentos não são homogêneos, são estruturados de formas distintas e, tais diferenças constituem-se entre: o relacionamento conjugal e outras instituições, valores e pontos significantes para cada um do par. O casamento é um subsistema, que existe dentro de uma ampla série de sistemas interligados como: a família extensa, a religião, a importância dada ao sexo e ao afeto, o relacionamento com o trabalho, o lazer, além da importância e do tempo disponibilizado para os membros da família nuclear. Portanto, o casamento é influenciado por vários fatores, porém sempre com dupla entrada, isto é, com pesos próprios, para cada um do par. Pesos pouco conscientizados no início de um relacionamento e que nem sempre se encontram em equilíbrio, podendo promover futuros conflitos na relação a dois.

Na Constituição Brasileira de 1998, a família passou a ser considerada como: uma união estável entre um homem e uma mulher ou qualquer dos pais e seus descendentes. Propondo, igualdade de direitos e deveres aos homens e mulheres.

Percebe-se hoje, muitas vezes, uma família desorientada quanto às suas funções tradicionais. Pois a liberdade dos costumes, a perda da autoridade paterna, a precariedade econômica moderna e a maior autonomia feminina, levam as famílias ou casais hoje, a serem cada vez mais pluralidades, chegando-se até aos casais interculturais, novidade propiciada pela maior mobilidade humana e rapidez das comunicações e dos transportes como assinala, PAPP, P. (2002). Existem casais heterossexuais, casais homossexuais e/ou bissexuais. Caso um dos cônjuges esteja ausente, a família será classificada, como *monoparental*. Caso sejam indivíduos homossexuais, denomina-se como *homoparental*. Quando houve o rompimento de um primeiro casamento, é denominada *desconstruída* e se houver um novo casamento, é denominada *reconstituída*. Além do poder atual, da família ser gerada *artificialmente* (ROUDINESCO, E., 2002).

Os casais, também são classificados, quanto ao tipo de inserção da mulher no mercado de trabalho e para tal, menciona DINIZ, G.R. (1999) temos:

*casamento tradicional ou normativo*, onde o homem trabalha e é o provedor e, a mulher, é do lar. Caso em que se observa clara delimitação de papéis de gênero tradicionais. Porém, também existem variações nos casamentos tradicionais, como: homem em situação de poder e projeção e, mulher que “trabalhe” para o avanço da carreira dele – pela manutenção de posição e prestígio sócio-econômico. Ou mulher trabalhando meio-expediente ou em algo em casa, exclusivamente para ter algum rendimento próprio, porém considerando como mais importante, seu lugar tradicional no lar e na organização da vida afetiva.

Outro tipo de classificação observada são os *casais de duplo trabalho*. Duplo trabalho em atividades, que não requerem alto grau de instrução e sem delimitação clara de progressão na carreira (trabalho por razões financeiras), que não exigem investimentos após a jornada.

Temos também os *casais de dupla carreira*, quando ambos exercem profissões conhecidas como carreiras. Com etapas de desenvolvimento, comprometimento, reciclagem e alto interesse pessoal, levando-os a trabalhar fora da jornada. Casos em que se observa maior afastamento dos papéis de gênero clássicos, interações que exigem maior flexibilidade e constituição de novos modelos de conduta. Dentre estes tipos de casais, os que enfrentam maior intensidade de situações conflitivas, são os denominados *casais em trânsito*, casais que viajam frequentemente ou moram em outras cidades, propiciando relações muito complexas e mais facilmente conflitivas.

Ainda restam os *casais mistos*, onde um deles tem carreira e o outro trabalho. Quando a carreira é do homem e, é considerada como mais importante e, o trabalho da mulher é visto como secundário, os papéis de gênero mantêm-se mais clássicos. Porém, quando é ela quem tem carreira e, esta gera “*status*” ou ganhos econômicos e, ele trabalha, surgem muitos conflitos e frequentemente separações.

DINIZ, G.R.S. (1999), menciona que estudos têm apontado, que as alterações relativas ao trabalho fora e os conseqüentes conflitos, mantêm relações íntimas com: o número de horas trabalhadas, a remuneração e o “*status*” obtidos, a importância que ambos do par atribuem ao trabalho, a intensidade de envolvimento da mulher com sua carreira e terem ou não filhos. Observando-se que quanto maior a congruência entre os pares, melhores possibilidades de êxito.

Para PAPP, P. (2002), na era da informação imediata, os casais também têm que estar na “trilha rápida”, têm que produzir mais, ser mais, ter mais, saber mais, relacionar-se mais. Correria e angústia, que não permite tempo

e tranqüilidade para si mesmos. Sendo que muitas vezes, o relacionamento a dois, paga o ônus dos vários afazeres do casal. Pois, na relação conjugal, tendem a priorizar as relações parentais e familiares, negligenciando a relação a dois. No entanto, em pesquisa sobre conjugalidade, FÉREZ-CARNEIRO, T. (1999), aponta que os casais afirmam ser o relacionamento afetivo-sexual, muito importante na relação. Assim, pode-se pressupor que os mundos socio-econômico e familiar, envolvem as pessoas do casal de tal forma, que perdidos neste emaranhado de obrigações e cobrança de êxito em situações novas, não conseguem tempo ou disposição, para o encontro e o prazer a dois. Processo que corroe as interações e propicia: o descolorido, a inércia, os afastamentos, as disfunções, as discussões e futuras separações.

Nas separações, segundo FÉREZ-CARNEIRO, T. (op.cit.), os principais motivos alegados são: infidelidade, insatisfação sexual, desatenção e incompatibilidade. Reafirmando-se a discrepância que apontamos acima, quando o discurso dos casais é de que sexo e afeto são muito importantes no casamento, porém parece que poucos conseguem estar disponíveis para tal.

As relações afetivo-sexuais de um casal caracterizam-se, pela possibilidade de se reconstruir um novo elo de ligação, vínculo adulto que minimiza a angústia da separação através de: confiança, intimidade, carinho, segurança, aconchego e prazer. Porém, parece que no mundo atual, a urgência resolutiva e o relativismo dos vínculos, têm gerado muitas incertezas, e como assinala BAUMAN, Z. (2003), a falta de confiança, o baixo investimento, a fragilidade e a incerteza dos vínculos, têm originado o que denomina: *amor líquido*, como algo típico da sociedade atual.

## Referências bibliográficas

ANGELO CLAUDIO. A Escolha do Parceiro. In Maurício Andolfi. CLÁUDIO Â. e CARMINI S. (Org.), *O casal em crise*. (pp.44-66). São Paulo: Sumus, 1993.

ANDRADE-SILVA, M.C. Terapia Sexual e Inclusão Social. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 14 (2) 27-37, 2003.

BAUMAN, S. *O Amor Líquido- sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BUSS, D.M. *The evolution of desire: Strategies of human mating*. New York: Basic Books, 2000.

DINIZ, G. R. S. Homens e mulheres frente a interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. Em T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e Família. Entre a tradição e a transformação.* (pp.31-54) Rio de Janeiro: Nau, 1999.

FERES-CARNEIRO, T. Conjugalida; um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. Em T.Féres-Carneiro (Org.). *Casal e Família.Entre a tradição e a transformação.*(pp.96-117). Rio de Janeiro: Nau, 1999.

FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução.* Rio de Janeiro: Imago, 1914 trado.1985.

FROMM, E. *A Arte de Amar.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1957 trado.1974.

GOLDSTEIN, J.H. *Psicologia Social.* Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

JABLONSKI, B *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo.* Rio de Janeiro: Agir, 1998.

JURBERG, P e JURBERG, M.B. Atração Sexual:principais estímulos segundo a biologia e a psicologia social. *Scientia Sexualis, do Mestrado em Sexologia da U.G.F.* 4 (3)45- 73, 1998.

MASTERS, W.H., JOHNSON, V.e KOLODNY, R.C. *Heterossexualidade.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MORRIS, D. *Comportamento Íntimo.* Rio de Janeiro; José Olímpio, 1983.

PAPP, P. Prisioneiros do papel sexual. Em: MAURIZIO, A., CLÁUDIO, Â. e CARMINE, S. (Org.). *O casal em crise.* (pp147-154). São Paulo: Summus, 1993.

\_\_\_\_\_. Uma visão turística do casamento. Desafios, Opções e Implicações para a Terapia de Casais Interculturais. Em Peggy Papp (Org.). *Casais em Perigo. Novas Diretrizes para Terapeutas.* (pp. 193-217). Porto Alegre: Artmed, 2002.

PLATÃO. *Diálogos.* São Paulo: Cultrix, trado. 1964.

ROUDINESCO, E. *A Família em Desordem.* Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

STERNBERG, R. J. *The Triangle of Love: Intimacy, Passions, Commitment.* New York: Basic Book, Inc., 1988.

VALENTIN, A.R. Atração interpessoal, sexualidade e relações íntimas. Em Jorge Vala e M. Benedicta Monteiro (Coord.), *Psicologia Social.* (pp.113-139).Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.